

O RITUAL COMO MATERIALIZAÇÃO DE PROJETOS POLÍTICOS: UMA COMPARAÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES RITUAIS EM TUMBAS DE AMARNA E TEBAS

Maria Violeta Pereyra¹; Rennan de Souza Lemos²; Liliana Manzi³

RESUMO

Este artigo busca analisar a prática ritual como materialização de projetos políticos. No caso da necrópole de Amarna, esse projeto estava associado às reformas de Akhenaton e à ideia de purificação. No caso de Tebas, é possível associá-lo à exaltação da elite com restauração pós-amarniana de Amon. Para abordar o tema, analisamos cenas registradas nas tumbas dos funcionários que foram contemporâneos a ambos os momentos, assim como a articulação de tais cenas com a paisagem. Essa articulação é entendida como forma de representação litúrgica, onde a visibilidade em relação ao templo e as relações de proximidade entre as tumbas funcionava como outra forma de materializar esses projetos. Nestes, participaram as elites, oferecendo exemplos de subordinação, em alguns casos, e de tensão, em outros.

Palavras-chave: Egiptologia; Tumbas de Amarna; Tumbas Tebanas, Paisagem.

ABSTRACT

This paper explores the idea that considers ritual practice as a form of embodiment of political projects. In the case of the necropolis at Amarna, the project is associated with the reforms of Akhenaten and the idea of purification. For the Theban Necropolis, it is connected to the move back to orthodoxy after the Amarna Period. The subject is explored by means of analysing scenes in tombs of high officials contemporary to both moments. We also investigate the relationship between tomb scenes and the landscape. This relationship is understood as a form of liturgical representation, where visibility in relation to the temple as well as proximity between the tombs operated as another mean of materialising political projects. The elite took part in these projects, and their tombs offer examples both of subordination and in some cases tension.

Keywords: Egyptology; Amarna Tombs; Theban Tombs; Landscape.

¹ Professora da Universidade de Buenos Aires. Pesquisadora do CONICET. Diretora do Neferhotep Project – Luxor, Egito.

² Laboratório de Egiptologia do Museu Nacional/UFRJ. Membro do Neferhotep Project – Luxor, Egito

³ Professora da Universidade de Buenos Aires. Pesquisadora do CONICET. Membro do Neferhotep Project – Luxor, Egito.

A cidade de Amarna está localizada na margem oriental do Nilo em uma baía circundada por montanhas cujo calcário é de ótima qualidade (figura 1). Isto fez com que os egípcios da época as utilizassem como fonte de matéria prima (WILLEMS and DEMARÉE, 2009). A qualidade dessa matéria-prima contribuiu, ainda, para a escolha dessas montanhas como local de construção de tumbas dos membros da elite da cidade de Amarna, cujas casas, como nos casos de Ramose e Panehesy, podem ser identificadas na cidade. Uma situação só em parte semelhante foi verificada em Tebas, onde a necrópole dos funcionários ocupava as encostas do maciço de tebano.

A necrópole tebana se localiza na margem ocidental do Nilo a aproximadamente 415 km ao sul da cidade de Amarna. As tumbas privadas se agrupam no denominado Vale dos Nobres, limitado a oeste pelas elevações do maciço tebano, de onde se pode distinguir os distritos de Dra Abu el-Naga e Deir el-Bahari ao norte, e Deir el-Medina ao sul. Entre estes, o relevo apresenta um contraste, onde se destacam as colinas de el-Qurna, el-Khokha e Qurnet Murai, além de uma depressão conformada por el-Assasif, que continua na planície de inundação do rio (figura 2). Sobre esta mesma margem, também estão localizados diversos templos de milhões de anos que, com exceção do templo de Mentuhotep II, construído na XI dinastia, foram construídos entre as dinastias XVIII, XIX e XX (figura 3; PORTER and MOSS, 1970; STRUDWICK and STRUWICK, 1999).

O substrato geológico é formado por rochas calcárias, nas quais foram escavadas tumbas. Somente algumas tumbas de el-Assasif contam com partes de sua estrutura construídas em arenito e pilonos de tijolos de adobe (Monthuenhat –TT34–, Pabasa –TT279–). Os templos, por sua vez, foram construídos com arenito transportado do canteiro localizado a mais ou menos 350 km ao sul.

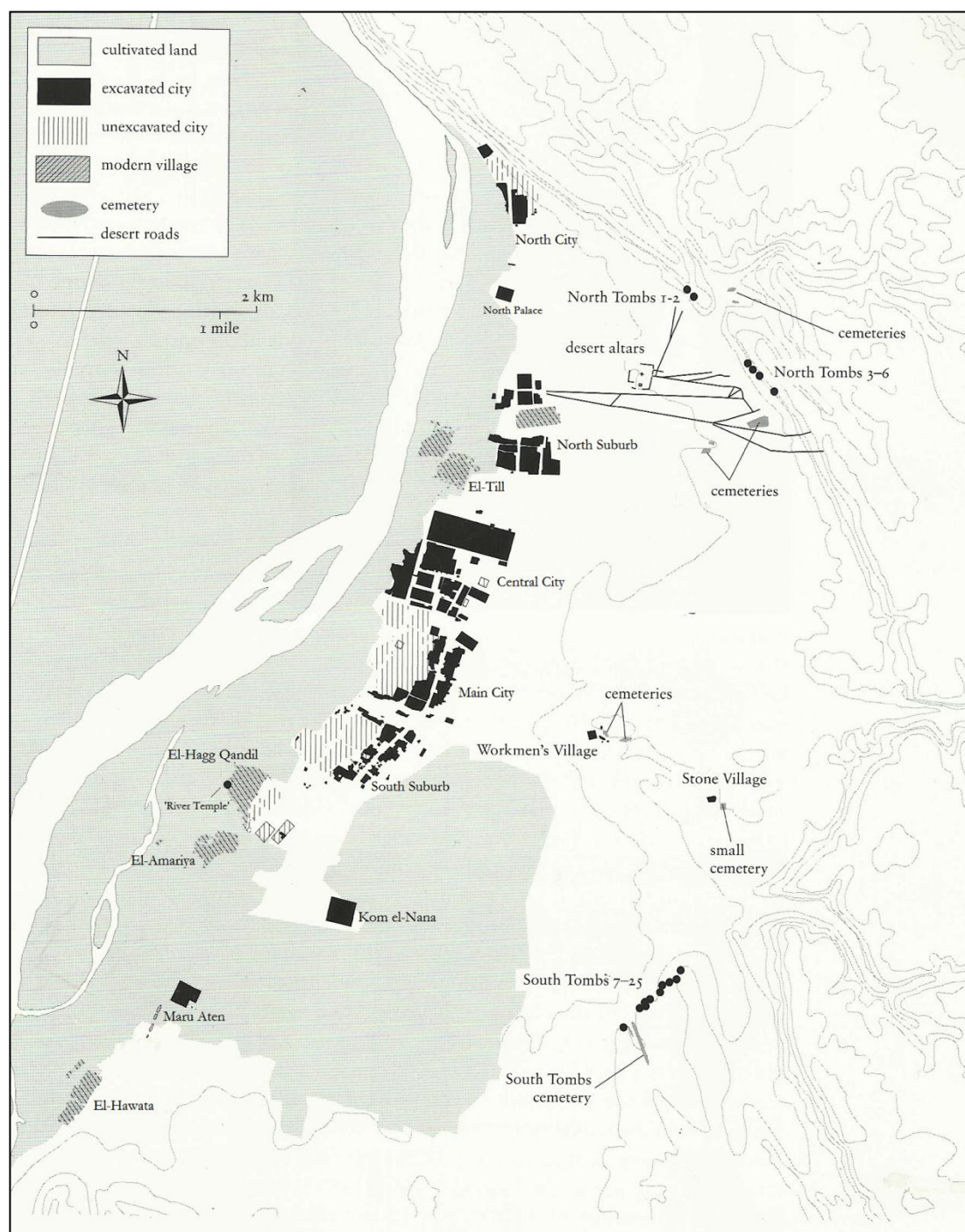


Figura 1: mapa de Amarna. Adaptado de versão cedida por B. K. Kemp. Cortesia do Amarna Project.

O templo de Hatshepsut, diferentemente dos demais templos da área, foi construído quase integradamente ao calcário, e a qualidade da rocha na região permitiu que fosse decorado com relevos. Estes, junto com os relevos das tumbas de

funcionários na necrópole, alcançam um dos maiores graus de excelência técnica, como os que se encontram na tumba de Ramose (TT55). Os demais templos foram construídos quase em sua totalidade com arenito.

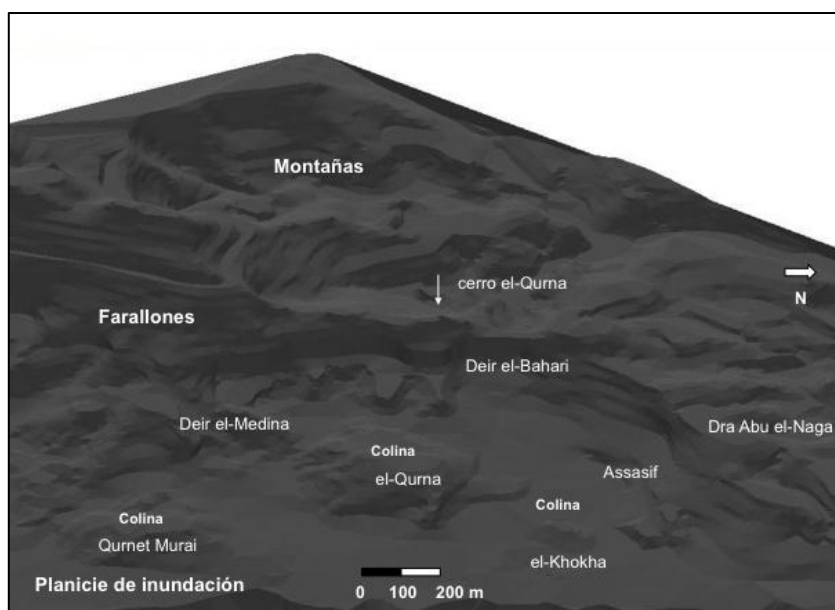


Figura 2: disposição geológica e os distritos da necrópole tebana.

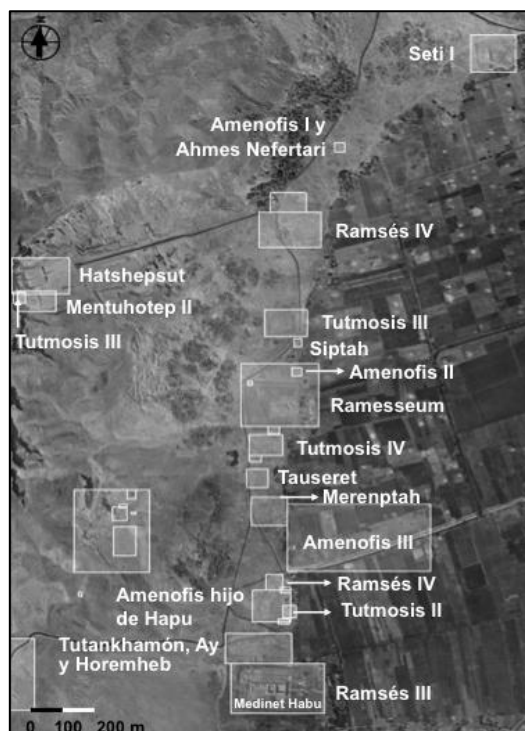


Figura 3: templos de milhões de anos em Tebas.

A ocupação do ocidente tebano poderia sustentar-se a partir de uma eventual articulação entre a prática ritual e alguns marcos no relevo, que poderiam ser considerados sugestivos (MANZI, 2012). Este é, por exemplo, o caso das colinas com alusão ao mito de criação (STRUDWICK and STRUWICK, 1999). Também pode-se considerar quanto a isto a anterior escavação de tumbas em el-Khokha durante o Reino Antigo (SALEH, 1977), assim como o papel fundacional desempenhado pelo templo de Mentuhotep II, construído no Reino Médio em um espaço onde nunca antes se erigiu este tipo de estrutura, concomitantemente com a localização de tumbas pertencentes a este mesmo período em Deir- el-Bahari (PORTER and MOSS, 1970).

Quanto à Amarna, a interpretação mais corrente acerca da localização dessas tumbas tem a ver com uma possível supressão do âmbito osiriano da religião funerária, reforçando a nova teologia solar (HORNUNG, 1999; CARDOSO, 2011). Seguindo a tradição germanofônica (com destaque para as ideias de Hornung), para Hesse a posição das tumbas na margem oriental do Nilo, associada às adaptações arquitetônicas, quando comparadas às tumbas tebanas, refletem as novas concepções post-mortem do período de Amarna (HESSE, 2013). Assim, as tumbas deveriam localizar-se não mais do lado ocidental, onde o sol se põe iniciando sua jornada pelo mundo de Osíris, mas sim, deveriam localizar-se no lado do sol nascente. Está claro, entretanto, que esta foi uma associação feita às características naturais do ambiente: tal como em Beni Hassam, não muito longe de Amarna, as tumbas se localizam do lado oriental do rio devido à distância das montanhas na margem ocidental (KAMRIM, 1999: 23). Este caso é o oposto, por exemplo, ao de Tebas.

As tumbas tebanas contabilizadas até o momento chegam a mais ou menos 900 (GARDINER and WEIGALL, 1913; KAMPP, 1996; OLGIS-TN, 2009-2010; PORTER and MOSS, 1970). Destas, cerca de 400 podem ser inseridas no Reino Novo. Localizadas em el-Qurna, Dra Abu el-Naga e el-Khokha, 13 tumbas correspondem a um momento pré-amarniano, enquanto 5 são pós-amarnianas (tabelas 1 e 2; HESSE, 2013).

Tumba	Proprietário	Reinado / dinastia	Localização
TT55	Ramose	Amenhotep II a Amenhotep IV	el-Qurna
TT65	Nebamon	Hatshepsut	el-Qurna
TT68	Meryptah	Amenhotep III	el-Qurna
TT75	Amenhotep Sas (Sise)	Amenhotep II / Tutmose IV	el-Qurna
TT87	Najtmenu; desconocido; Horemajbit	Tutmose IV a fin dinastia XVIII	el-Qurna
TT90	Nebamon	Tutmose IV / Amenhotep III	el-Qurna
TT93	Qenamón	Amenhotep II	el-Qurna
TT96	Sennefer	Tutmose III? / Amenhotep II	el-Qurna
TT100	Rejmira	Tutmose III	el-Qurna
TT131	Amenuser	Ahmose / Amenhotep I	el-Qurna
TT147	Desconocido (compuesto con amn)	Tutmose IV / Amenhotep III	Dra Abu el-Naga
TT253	Jenemums	(Tutmose IV) / Amenhotep III	el-Khokha
TT334	Desconocido	Amenhotep III (?)	Dra Abu el-Naga

Tabela 1: tumbas tebanas pré-amarnianas.

Tumba	Proprietário	Reinado / dinastia	Localização
TT41	Amenemopet, llamado Ipy	Horemheb a Seti I	el-Khokha
TT49	Neferhotep	Ay	el-Khokha
TT87	Najtmenu; desconocido; Horemajbit	Tutmose IV a fin dinastia XVIII	el-Qurna
TT284	Desconocido;	Dinastia XVIII / comienzo XIX (antes 2ª mitad Ramsés II)	Dra Abu el-Naga
TT	Parennefer / Wennefer	Tutanjamón o Horemheb	Dra Abu el-Naga (¿?)

Tabela 2: tumbas tebanas pós-amarnianas

No caso amarniano, no total 44 tumbas foram escavadas nas montanhas de calcário. Geralmente, subdivide-se esse grupo em 17 tumbas do norte e 27 tumbas ao sul (D'AURIA, 1999; TIETZE, 2013). Em matéria de arquitetura, são monumentos que variam a partir do modelo tebano em “T” da 18ª dinastia, com uma fachada de entrada, uma câmara transversal e uma capela (figura 4). Escadas localizadas na antecâmara ou na câmara principal levam à câmara funerária (D'AURIA, 1999). Não há evidência de que essas tumbas tenham sido utilizadas no período de Amarna. Entretanto, é interessante notar que é prática comum dos egípcios antigos (BRANCAGLION, 2004). Exemplos são as tumbas de Senedjem, em Deir el-Medina, e a tumba de Sennefer, localizada no cume de Sheikh Abd el-Qurna.

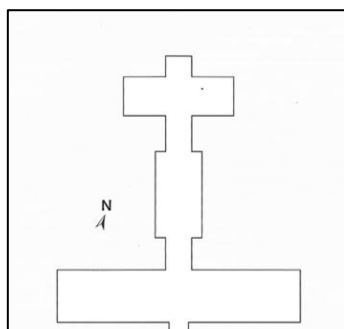


Figura 4: modelo de tumba tebana em forma de “T” (adaptado de D’AURIA, 1999: 164).

Quanto à planta das tumbas amarnianas, as maiores semelhanças são em relação às tumbas tebanas da XVIII dinastia, mesmo quando destacamos as variantes identificáveis em seus desenhos. Assmann (2004) atribuiu as mudanças no acesso aos sepulcros a novas práticas rituais raméssidas. Dessa forma, a substituição de um fosso vertical por uma rampa descendente se documenta a partir do reinado de Amenhotep IV na tumba de Ramose, o que pode implicar em uma alteração no rito funerário anterior à mudança da corte para Amarna.

As tumbas de Amarna funcionaram como foco ritual na paisagem durante muito tempo. Há vários exemplos de *graffiti* greco-romanos em suas paredes (MONSERRAT, 2000) e alguns monastérios coptas foram construídos nesses locais. A tumba de Panehsy é o exemplo mais emblemático: foi transformada numa igreja (PYKE, 2008). Esse tipo de informação serve de base para relativizarmos o abandono da cidade de Amarna. Além das intervenções posteriores nas tumbas, há registro de habitações do período raméssida ao sul da cidade, bem como grande quantidade de cerâmica do Terceiro Período Intermediário foi encontrada nas imediações da necrópole (STEVENS, 2015).

À respeito das tumbas em Tebas, também há *graffiti* em várias delas. Estes foram interpretados como intervenções levadas a cabo por escribas raméssidas, expressando sua capacidade, enquanto grupo social, de contribuir com as práticas

funerárias. De modo semelhante ao que se atesta em Amarna, ainda, algumas tumbas tebanas foram utilizadas como monastérios coptas.

É possível que tanto em Amarna quanto em Tebas o abandono das práticas rituais tenha sido relativamente rápido, mesmo quando se verifica uma permanência do sistema social maior na última. Isto não implica num abandono da área no sentido populacional (despovoamento), já que se trata de “cidades reais” que funcionaram como centros cerimoniais associados ao deus hegemônico do Estado em dois momentos do Reino Novo: Aton no primeiro caso e Amon no segundo.

AS TUMBAS DE AMARNA E TEBAS: RITUAL E PAISAGEM

a. As tumbas e suas representações imagéticas

O repertório de representações imagéticas que decoraram as tumbas dos funcionários tebanos não foi mantido inalterado ao longo do tempo e as mudanças foram ainda perceptíveis no decurso da XVIII dinastia. Alguns deles podem ser explicados pela ascensão social da elite, enquanto outros eram ligados às mudanças ideológicas produzidas a partir do reinado de Amenhotep III (PEREYRA 2005). A solarização da monarquia e do além forneceram os significados dos novos tópicos com que os monumentos funerários dos funcionários foram equipados.

De acordo com D’Auria, é na decoração que as tumbas de Amarna apresentam maior inovação (D’AURIA, 1999). Isso é corroborado por Hesse a partir de sua comparação de tumbas amarnianas e tebanas (HESSE, 2013). Para ela, foi um período muito curto para que tivesse havido modificações mais drásticas na arquitetura das tumbas (HESSE, 2013). Identifica-se uma substituição de representação relacionadas à vida cotidiana – retratos da família e convidados em banquete, a peregrinação à Abydos – por cenas ligadas estritamente ao culto ao Aton e à família real.

Essa substituição acompanha também uma modificação nos padrões de cultura material associadas aos enterramentos da XVIII para a XIX dinastia. Identifica-se uma passagem de utilização de objetos cotidianos para objetos especificamente religiosos (GRAJETZKI, 2003). Porém, o embasamento teórico para essa interpretação não é

convincente, uma vez que a diferenciação entre sagrado/ritual e profano/cotidiano não é simples de se fazer. Pelo contrário, o grau de ritualização de contextos específicos pode ajudar a determinar o simbolismo dos objetos associados (HODDER and HUTSON, 2003; BELL, 1992). Essa perspectiva pode ser adotada para a interpretação da mudança dos tipos de cenas representadas nas tumbas. Até que ponto as cenas de banquete podem ser associadas ao cotidiano ou são especificamente religiosas pode ser determinado pelo contexto em que estão inseridas. Segundo Brancaglion, é difícil associar as cenas estritamente ao cotidiano ou ao pós-morte. Os elementos relativos ao status social do morto na participação das festividades da necrópole e ao nível simbólico funerário são muito latentes (BRANCAGLION, 1999; MOLYNEAUX, 1997).

As tumbas do período de Amarna em Saqqara não seguem estritamente esse programa de modificações. As tumbas de Maïa e Tutmés (ZIVIE, 2009; 2013) apresentam representações tipicamente osirianas, com o morto e sua família em papel central. Em Amarna, inclusive, podemos fazer um paralelo com esse tipo de cena: a representação do ritual de abertura da boca na parede leste do santuário na tumba de Huya (DAVIES, 1905).

Barry Kemp vê Akhenaton como um professor que se propôs a ensinar à sua elite o que para ele, em matéria de religião, era o correto (KEMP, 2012). O repertório imagético das tumbas de Amarna está estritamente ligado a essa noção. Textos como os da tumba de Ay e a inscrição de Bak pedreira de Aswan afirmando que Akhenaton os instruiu corroboram essa perspectiva (LEMOS, 2014). Assim, as cenas das tumbas de Amarna, mais do que uma mudança no foco e tipo de representação, indicam uma mudança de relações sociais em curso durante o período: de proximidade do faraó com sua elite. Isso difere das relações sociais na paisagem funerária de Tebas após o período de Amarna, onde se pode constatar tentativas de dissociação, por parte da elite, em relação ao faraó e, portanto, ao Estado. Isso corrobora uma visão da história do Reino Novo como caminhando para uma espécie de descentralização do poder e emergência do indivíduo (KEMP, 2006; ASSMANN, 2003).

Nas tumbas, essas mudanças sociais e religiosas expressadas na decoração podem ser vistas na centralizada e quase onipresença do faraó e da família real oficiando o culto ao Aton, em aparições públicas ou recompensando os membros da elite (CHAPOT, 2015). A recompensa é motivo característico das representações amarnianas, significando grande proximidade do faraó com sua elite ou pelo menos uma intenção dos membros dessa elite de conquistar status a partir da proximidade com o faraó (PEREYRA, 2005). Seus antecedentes estão em Tebas nas tumbas de Khaemhet (TT57) e Kheruef (TT192) sob Amenhotep III, além do sepulcro de Ramose (TT55), datado do reinado de seu filho. Depois de Amarna, a cena continuou presente no repertório iconográfico da necrópole de Tebas durante o período raméssida e a janela das aparições foi um elemento arquitetônico constitutivo dos palácios, mesmo nos templos de milhões de anos da margem oeste do Nilo.

A iconografia é caracterizada, sobretudo, pela repetição de um quadro limitado de motivos distribuídos nos diferentes espaços da tumba, de acordo com o seu significado (MANNICHE, 1988). Entretanto, Amarna inseriu nesse modelo esquemático uma série de novos elementos ligados ao ritual do culto ao Aton e outros já existentes sob Amenhotep III, que agora foram resignificados. Nesse contexto, a maior inovação desse programa decorativo é a preponderância de cenas de oferendas e purificação (SPIESER, 2010). Essas cenas estariam, segundo Spieser, associadas a uma tentativa de “purificação ideológica” implementada por Akhenaton (SPIESER, 2010: 85), uma ideia desenvolvida por Barry Kemp, que afirma que Akhenaton implementou um projeto de purificação da religião tradicional, sem no entanto ter sido intolerante (KEMP, 2012) – algo que a arqueologia de Amarna mostra muito bem (LEMOS, 2014).

Apesar de excepcional, a tumba do sumo sacerdote do Aton Meryra pode ser tomada como representação da totalidade das tumbas de Amarna. Ela possui uma arquitetura diferente da maioria por apresentar uma antecâmara antes da câmara principal e cenas do morto e sua esposa em destaque. Se levarmos em conta as tumbas do mesmo período em Saqqara e discordarmos da proposição comumente defendida desde Davies (1903: 20), de que as tumbas foram construídas pelo faraó

como um presente para sua elite, isso não seria considerado de forma tão excepcional. As variações sutis em motivos da decoração podem ser um indício para relativizarmos essa ideia (MOLINEAUX, 1997). Mas ainda mais, as possibilidades são que a estrutura das tumbas e seu programa decorativo tivessem resultado de uma “negociação” entre a elite e o rei, conforme mostra a situação documentada na necrópole de Tebas (PEREYRA y MANZI, 2015).

As cenas nessa tumba podem ser divididas em 5 categorias: 1) a investidura de Meryra como sumo sacerdote do Aton; 2) uma visita real ao Grande Templo ao Aton; 3) oferendas da família real ao Aton (figura 5); 4) adoração da família real no templo (figura 6) e; 5) recompensa de Meryra pelo faraó (figura 7) (DAVIES, 1903: 20). Essas categorias podem de alguma forma ser generalizadas como representativas das tumbas como um todo. Grande parte dessa decoração é tomada por cenas rituais de oferenda e purificação (figura 8) ligadas ao Aton com participação da família real, e em alguma medida, dos membros de sua elite – no caso de Meryra isso é emblemático, pois se trata do mais alto sacerdote do Aton que deveria officiar rituais importantes no templo. A escolha de sua tumba como exemplo se justifica sobretudo por essa relação mais direta entre representação e prática ritual.



Figura 5: oferendas da família real ao Aton, parede sul, lado leste (DAVIES, 1903, pl. XXII). Foto de Rennan Lemos.



Figura 6: adoração da família real ao Aton no Grande Templo ao Aton (DAVIES, 1903: pl. XXVII). Foto de Rennan de Souza Lemos.



Figura 7: a recompensa de Meryra na Janela das Aparições, arquitrave (DAVIES, 1903: pl. VIII). Foto de Rennan de Souza Lemos.



Figura 8: cenas de oferendas na tumba de Meryra, parede leste (DAVIES, 1903: pl. XXVIII). Cortesia de Julia Vilaró Rodriguez.

Uma abordagem não estilística dessas cenas, pressupõem prestarmos atenção à maneira como os conteúdos específicos tomam forma em dado contexto social e ideológico –“a forma do significado, como essa forma aparece e se modifica com o tempo e o que essa variação pode significar quanto ao efeito da ideologia na situação de produção e seu contexto social” (MOLINEAUX, 1997: 112). A comparação das representações das cenas das tumbas de Amarna e Tebas, assim, pode revelar o conteúdo social das representações pictóricas em relação ao contexto sócio-político em que estão inseridas.

Depois de Amarna, cenas correspondentes a estas categorias também são reconhecidas, entre outros, no monumento de Neferhotep no Vale dos Nobres em Tebas (TT49). Como novo sentido, podemos citar a dupla recompensa do nobre e sua esposa que o rei e a rainha lhes ofereceram na Janela das Aparições (Figura 9), a entrega do buquê de vida no grande templo de Amon (Figura 10), as oferendas para os deuses funerários (Figura 11), e a apresentação do proprietário de TT49 diante de Osíris (Figura 12). Essas cenas seriam, respectivamente, equivalentes às de

recompensa de Meryra, de visita real ao Grande Templo ao Aton e às oferendas da família real ao Aton. É interessante notar que em sua tumba o próprio Neferhotep e sua esposa substituem a família real em suas funções rituais, além de Amon e os deuses funerários terem ocupado as funções do Aton.

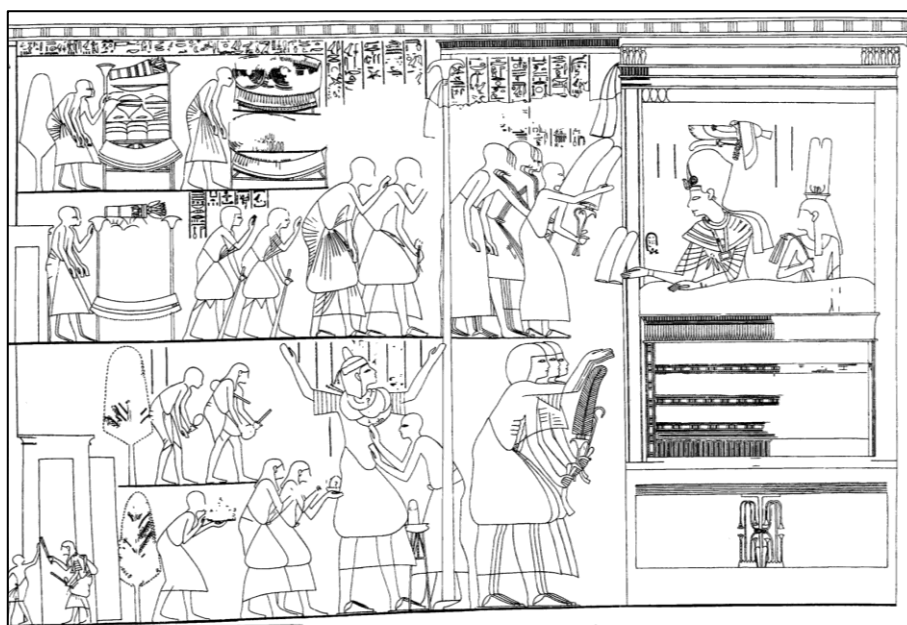


Figura 9: a recompensa na Janela das Aparições em TT49, vestíbulo, parede oeste, lado sul (DAVIES, 1933: 2, pl. 1).



Figura 10: a entrega do bouquet de vida no grande templo de Amon em TT49, parede norte (DAVIES, 1933, 2, pl. III).

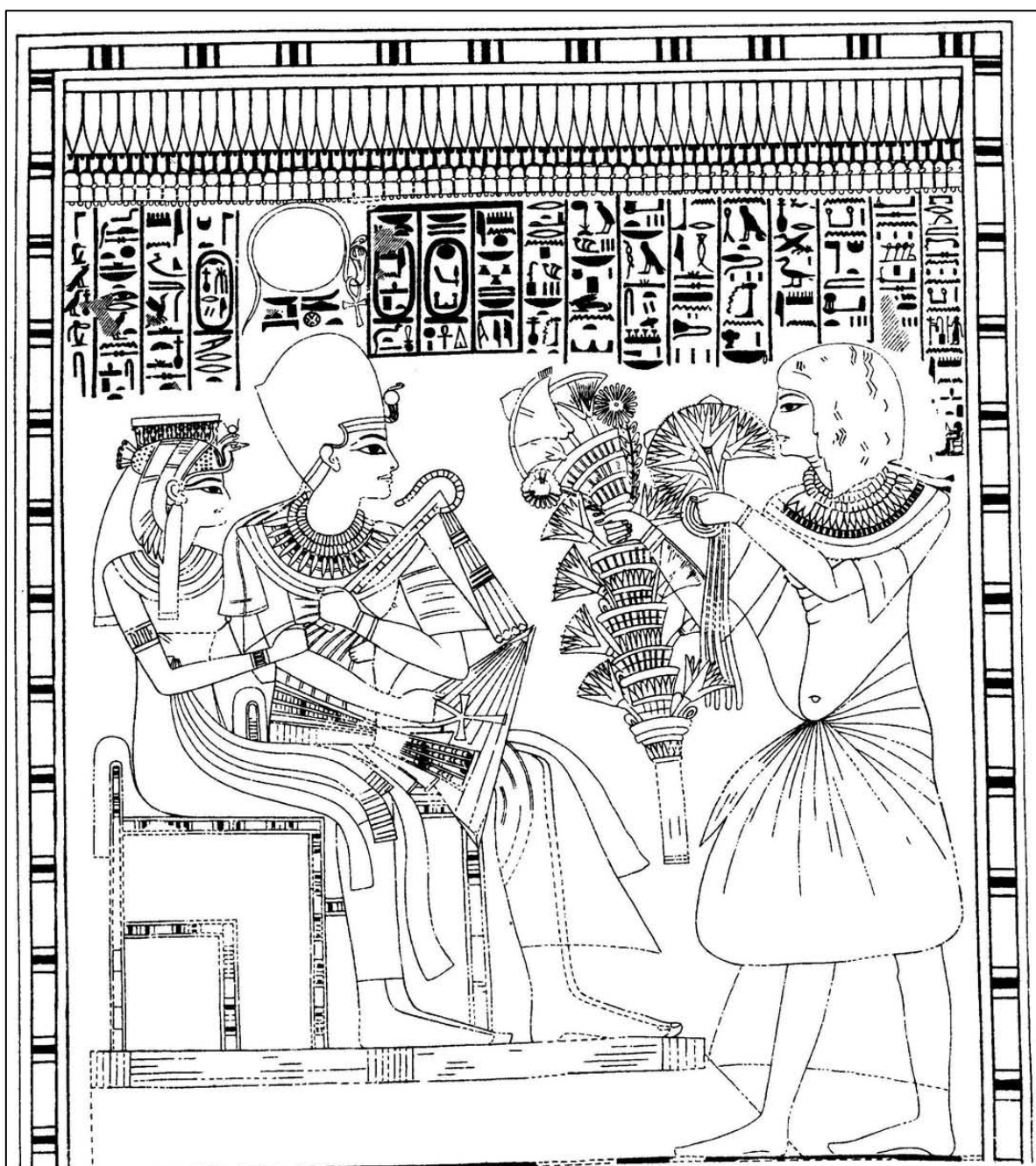


Figura 11: as oferendas aos deuses funerários em TT49, pilares da capela (DAVIES, 1933: 1, pls. LI).

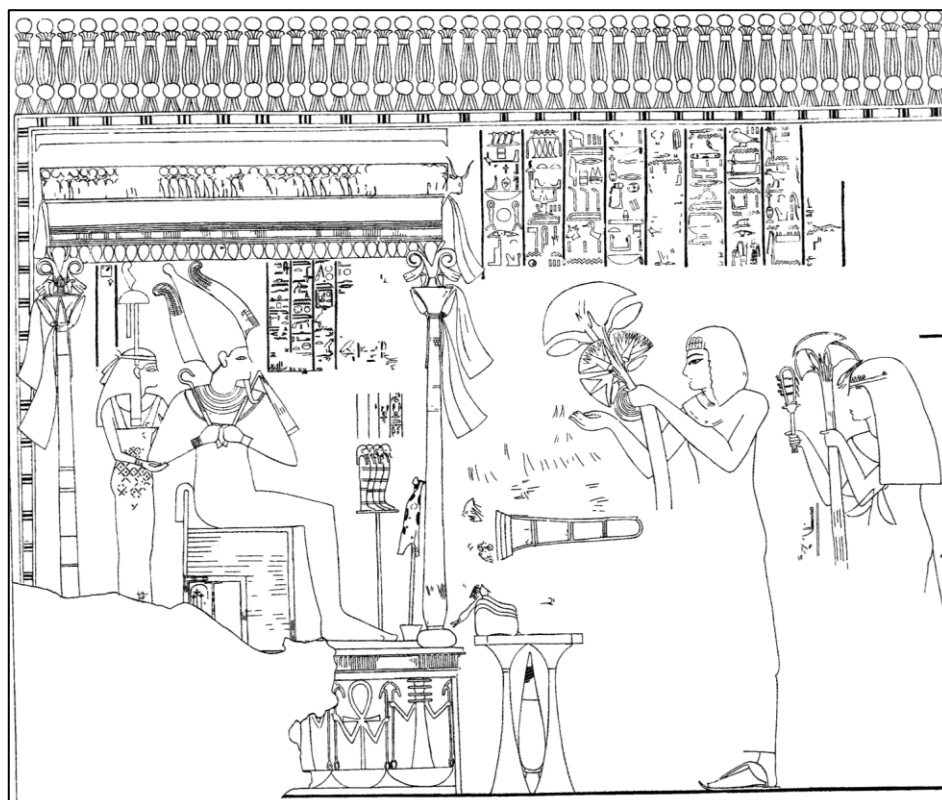


Figura 12: a apresentação de Neferhotep diante Osiris em TT49, vestibulo, parede oeste, lado norte (DAVIES, 1933: 2, pl. II).

Para Molineaux, “a análise da forma do significado é uma análise de fatores informativos comuns que constituem expressões visuais de, e ajustes a, situações ideológicas” (MOLINEAUX, 1997: 112). É assim que vemos as cenas das tumbas de Amarna – momento de grandes mudanças ideológicas apreendidas pela “forma do significado” das cenas. As variantes identificadas nas cenas das tumbas de Meryra e Neferhotep confirma essa interpretação das mudanças ideológicas que estão relacionadas a mudanças de cunho social e político.

As distorções ideológicas dos corpos da família real e dos oficiais de alto status são expressão de uma descontinuidade ideológica (MOLINEAUX, 1997; SPIESER et SPRUMONT, 2004). Essas modificações formais e de conteúdo revelam a proximidade e a interação social como um projeto materializado nas representações rituais. Para Molineaux, o problema maior das representações de Amarna reside em diferenciar até que ponto elas refletem um discurso oficial ou “aceitação” das mudanças (a forma do

significado) (MOLINEAUX, 1997: 115-166). Para nós, esse problema não é central (LEMOS, 2014: 197-199), uma vez que a arqueologia da cidade oferece luz na tentativa de enxergar as relações sociais na prática. Assim, diferentemente do autor, que busca as pequenas variações na composição e construção das cenas, com o intuito de enxergar a agências dos proprietários das tumbas, nós utilizaremos a arqueologia da cidade e a composição simbólica da paisagem a fim de entendermos as representações rituais nas tumbas de Amarna também na prática, materializando um projeto político nas tumbas e na encenação do ritual na cidade. Essa materialização do projeto político representado nas cenas rituais nas tumbas associadas às práticas na cidade nos oferece outras dimensões ao entendimento das relações na paisagem (HACKWITZ and LINDHOLM, 2015).

Propomos aqui que essas cenas de rituais nas tumbas da elite podem ser compreendidas como expressões de novas relações sociais. Tais relações são realçadas se considerarmos Amarna como uma paisagem interconectada através de pontos significativos marcados no espaço e diversificada, na medida em que os diferentes grupos sociais foram estimulados a uma maior interação. Nesse processo, a elite pôde se reafirmar enquanto tal e, ao mesmo tempo, servir de intermediadora dos grupos sociais mais baixos, da mesma forma que Akhenaton e a família real, nas representações nas tumbas e na prática ritual, era o intermediário entre sua elite e o Aton. Assim, a ligação simbólica entre os edifícios da cidade e as tumbas, bem como as relações espaciais da necrópole indicam um projeto religioso que inaugurou novas formas de relação social no Egito do Reino Novo, caracterizadas pela interação social e pelo aumento de status e do poder da elite na medida em que se associavam estritamente ao faraó, à família real e ao culto do Aton.

Em Tebas a paisagem também adquiriu um sentido litúrgico adaptado às práticas rituais, renovadas após Amarna, e expressivas das novas relações de poder da elite com o faraó. A Bela Festa do Vale – o principal festival da necrópole– é evocado em TT49 por meio dos edifícios representados nas cenas do lado norte da capela da tumba: o grande templo de Amon (Karnak) leste e o santuário de Hathor (Deir el-

Bahari) ao oeste (PEREYRA, 2010). Contudo, a condução da festa pelo rei não está representada na tumba; ritualisticamente, ele só está presente na entrega da recompensa a Neferhotep. A mediação do faraó no culto está ausente no programa decorativo de TT49, e isso mostra um tipo de interação social diferente daquela de Amarna.

b. O ritual entre representação e prática

Entre representação e prática, em Amarna, o ritual funcionava como a materialização de um projeto político-religioso que estimulou novas relações sociais. Amarna foi pensada como uma paisagem sagrada, inteiramente dedicada ao deus Aton e palco para a encenação de seu culto, tanto nos templos quanto nos demais espaços da paisagem. A tumba real funcionaria como um receptáculo de energia do deus criador que irradiaria sua luz para as tumbas e demais partes da cidade (SILVERMAN, WEGNER and WEGNER, 2006: 48-52). A paisagem inteira pode ser entendida como um templo ao Aton – de fato, o Pequeno Templo ao Aton está perfeitamente alinhado com o *wadi* real onde se localiza a tumba do faraó e sua planta pode ser comparada em proporção aos limites simbólicos da paisagem (MALLINSON, 1999: 74).

Essa associação simbólica entre os diferentes lugares definidos na paisagem eram reforçadas pelas representações contidas e práticas desempenhadas nos mesmos. As tumbas dos oficiais da elite funcionavam como pontos focais visíveis na paisagem e, como tal, definiam espacialmente a hierarquização expressada nas representações rituais nas tumbas (figura 13). O ritual reforça a hierarquia e na medida em que é praticado nos diversos espaços da cidade, cria associações com as cenas das tumbas que expressam e materializam esse projeto.

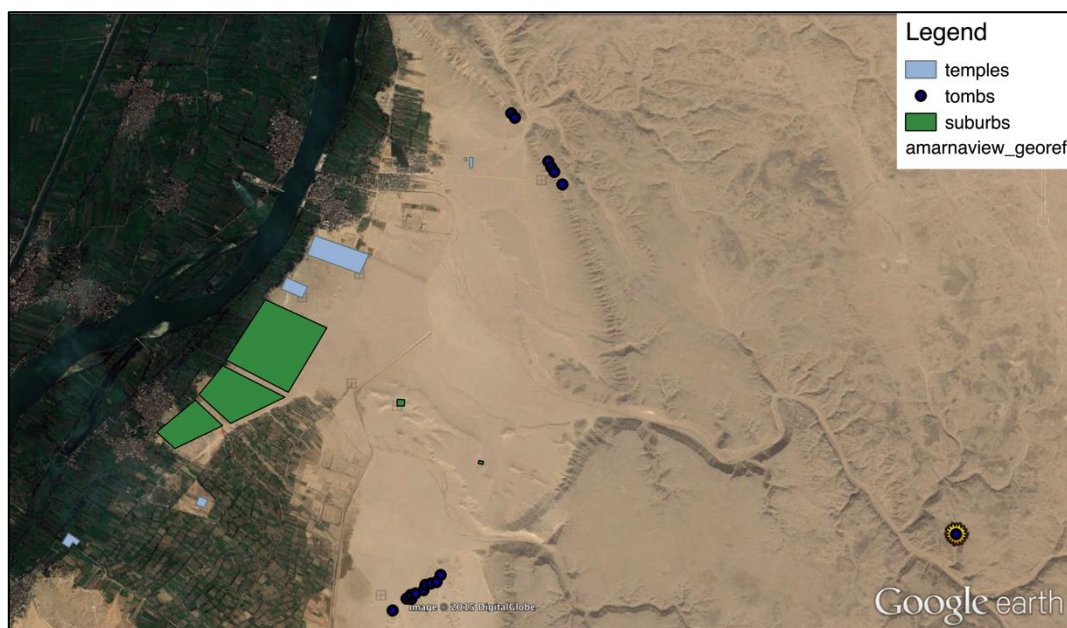


Figura 13: relações espaciais entre as representações rituais nas tumbas e as práticas rituais na cidade.

Também no caso de Tebas, o ritual funcionava como a materialização de um projeto político-religioso que estimulava as relações sociais. Pensada como uma paisagem sagrada e, tal como Amarna, palco para a encenação do culto dedicado ao deus Amon e ao rei (O’CONNOR, 1989), além de outras deidades.

c. O templo como um espaço de interação social

O Grande Templo ao Aton era o principal espaço de prática ritual de Amarna e está estritamente associado às representações das tumbas, na medida em que é diretamente representado e mencionado nos textos. A principal característica de sua arquitetura é a infinidade de mesas de oferendas localizadas tanto no interior quanto no exterior do templo. Essas mesas são representadas nas tumbas da elite repletas de oferendas de vários tipos, geralmente sendo purificadas e recebidas pelos raios do Aton.

O templo pode ser entendido como espaço de materialização do projeto de Akhenaton tal como representado nas tumbas (LEMOS, 2014: 168). Este projeto estava pautado na interação do rei com sua elite, que deveria participar dos rituais no templo. As mesas de oferendas do interior do templo podem ser entendidas como um espaço

dessa proximidade do rei com seus altos funcionários. Mas ao mesmo tempo, se levarmos em consideração as mesas de oferendas localizadas fora do templo, feitas de tijolos de barro, enquanto as mesas do interior do templo eram feitas de rocha, podemos pensar que o culto era aberto a demais pessoas da cidade que poderiam realizar oferendas ao deus na parte externa. Isso corrobora o projeto de Akhenaton tal como expressado no Grande Hino ao Aton, com o objetivo de englobar todas as pessoas. Assim, no templo, a elite estaria praticando uma relação de proximidade com o rei, havendo, porém, ao mesmo tempo, espaço para a participação das pessoas comuns.

No caso de Tebas, não é possível estabelecer uma interpretação da prática a partir de suas representações antes do reinado de Amenhotep IV, sendo que o grande templo de Amon só se incorporou como motivo iconográfico no programa decorativo das tumbas dos funcionários após Amarna. Os elementos arquitetônicos templários registrados são muitas vezes limitados aos pilonos e às celebrações realizadas fora dos templos, e a única representação completa do grande templo de Amon é a conservada em TT49 (PEREYRA, 2013).

Esse espaço não foi retratado como aberto, sendo acessível apenas a um grupo muito seleto de pessoas. Em TT49, só estão no interior do templo um sacerdote, Neferhotep e sua esposa, e eles estão em áreas que podem ser claramente diferenciadas: o sacerdote no santuário e no pórtico, Neferhotep no pórtico e no jardim em frente ao pilono, e sua esposa somente no jardim. O ritual envolvido é entendido como um privilégio pessoal concedido a um funcionário do templo de Amon e sua mulher.

d. Ritual e interação social nas representações das tumbas: a proximidade do rei com sua elite

Nas tumbas, as representações dos rituais que eram praticados no templo funcionavam como forma de materialização da relação de proximidade do faraó com os proprietários das tumbas. Isso servia como estratégia de reforço do status social do proprietário em vida, na medida em que as representações e as práticas rituais na

cidade serviam como expressões dessa relação. Podemos encontrar essa relação descrita no Grande Hino ao Aton, que diz que somente Akhenaton conhece o Aton e portanto é o intermediário entre as pessoas e o deus. A proximidade com o faraó faz com que os membros da elite também tenham acesso ao deus, o que constitui outro elemento de reforço e aumento de seu status social e poder.

Expressões materiais disto são os santuários localizados nos jardins das casas grandes das áreas residenciais de Amarna, onde foram encontrados indícios de realização do culto à família real (IKRAM, 1989). Ou ainda altares domésticos como o do alto funcionário Panehsy.

A elite teria então uma participação ativa na sustentação das reformas de Akhenaton, o que aumentou o seu poder e status social, além de ter modificado seu papel social em relação ao Estado. Com a restauração do poder de Tebas, uma nova elite teria se tornado mais próxima do faraó, incluindo os grupos relacionados ao templo de Amon, que incluíam a família de Neferhotep.

e. Ritual e interação social na paisagem

A figura 13 representa as associações espaciais entre as cenas rituais nas tumbas, representadas por pontos, e as diferentes partes da cidade de Amarna, representadas por polígonos de diferentes cores. Esses espaços pressupunham diferentes formas de interação social e de práticas rituais.

Nas tumbas, as cenas rituais expressam a proximidade do faraó com sua elite, algo que era praticado em espaços como o Grande Templo ao Aton. O templo funcionava como um espaço de expressão do poder dessa elite na medida em que demonstrava sua proximidade com o rei como um intermediário que os garantia acesso ao deus.

Nos subúrbios da cidade, podemos encontrar espaços mais “livres” de prática ritual, porém, para onde essa relação de proximidade do faraó com a elite era transposta e praticada de maneira diferente. As casas grandes, onde elementos do culto real são encontrados, eram responsáveis pelo suprimento e manutenção das casas menores, associadas às pessoas comuns. Da mesma maneira que

economicamente estas eram mantidas pela elite, esta última tinha seu poder reforçado pela proximidade ritual com o faraó e, assim, serviriam como intermediários entre as pessoas comuns e Akhenaton, como espécie de porta-vozes da nova religião que deveria, segundo o Grande Hino ao Aton, chegar a todos indistintamente.

Essa mesma relação de poder pode ser encontrada na necrópole, onde as tumbas da elite funcionariam como marcas espaciais da hierarquia dos seus proprietários, nas fachadas e nas representações de proximidade com o faraó nelas contidas (ARP, 2012). O ritual, dessa maneira, não somente é expressão dessa proximidade da elite com o faraó, mas também garantia de um pós-morte para as pessoas comuns enterradas nos cemitérios populares nas cercanias das tumbas, onde não se encontra cultura material normalmente associada a um pós-morte estável. O projeto político de Akhenaton de chegar a todos, então, materializava-se através de sua elite, que se tornava intermediária entre as pessoas comuns e o rei – que conhecia o seu deus – tanto na vida quanto na morte (LEMOS, 2015).

As interações sociais que se podem reconhecer a partir dos rituais implementados na paisagem de Tebas são reformulações de um espaço que foi modificado desde o início da 18ª dinastia. Uma variedade de vias serviu para comunicar polos rituais estabelecidos nos sucessivos reinados em conformidade aos requisitos dos cultos dedicados aos deuses, ao faraó e a seus antepassados.

Nesse complexo projeto, é possível estabelecer conexões entre a elite, representada pelos proprietários das tumbas, e as instituições às quais estes serviram (GABOLDE, 1995). O caso de um conjunto de 10 tumbas de Sheikh Abdel-Gurna servirá de exemplo (tabela 3).

Nº /Nome	Títulos do proprietário	Cronologia
Tumba sem numeração conhecida	Desconhecido	Desconhecido
TT124, Ray	Supervisor dos Armazéns Reais e Mordomo de Tutmosis I	Tutmosis I
TT123, Amenemhet	Supervisor dos Celeiros	Tutmosis III

TT224, Humay	Supervisor da herança da Esposa do Deus, Supervisor do Duplo Celeiro da Esposa do Deus, Ahmose Nefertari	Tutmosis III
TT56, Userhat	Escriba Real e Jovem do Kap	Amenhotep II
TT57, Khaemhat	Escriba Real e Supervisor Real	Amenhotep III
TT55	Ramose	Amenhotep IV
TT331, Penne	Grande Sacerdote de Montu	Ramsés II
TT346, Amenhotep	Supervisor das Mulheres do Interior do Palácio das Divinas Adoradoras	Ramsés IV
Penra	Chefe dos Medjay	Ramsés II
TT403, Merymaat	Escriba do Templo	Ramésida

Tabela 3: tumbas tebanas e suas conexões.

A tumba de Ramose (TT55) se destaca por suas dimensões, diferindo das de seus contemporâneos por seu desenho e decoração. Ela mantém uma relação de proximidade e, aparentemente, de subordinação e associação ideológica com 9 tumbas vizinhas, com cujos proprietários poderia ter mantido alguma relação de parentesco, aliança ou serviço. Trata-se de funcionários cujos benefícios lhes foram outorgados em diferentes reinados, alguns anteriores à reforma amarniana e outros posteriores.

A disposição das tumbas que se encontram nas proximidades da tumba de Ramose parece dar conta da conformação de um microcosmo de interação social. O conjunto de tumbas se localiza, diferentemente da maior parte das tumbas da necrópole, em um nível topográfico mais baixo na paisagem, o que leva a que não tenham possibilidades de estabelecer contatos visuais, nem conexões na circulação durante a celebração dos rituais, ao menos que se estabelecessem entre o grupo de tumbas que se encontram nas imediações.

Embora seja difícil de aceitar que pudesse ter existido uma separação das celebrações próprias deste grupo em relação às conduzidas pelo Estado, essa situação, que remonta ao início da XVIII dinastia e se mantém até a época raméssida, indica que

a localização das tumbas tebanas respondia a lógicas diversas em momentos históricos distintos.

As mudanças sociais que caracterizaram o fim da XVIII dinastia foram criadas a partir de um projeto político cuja materialização alcançou o período raméssida. Nesse momento se verificam modificações no desenho e decoração das tumbas privadas e reais, assim como novas áreas da necrópole se desenvolveram (Vale das Rainhas e Deir el-Medina).

CONCLUSÃO

A materialização do projeto de Akhenaton se deu através do ritual representado e encenado na cidade de Amarna. Nesse processo, uma paisagem de interação social foi formada (SPENCE, 2010), e ao mesmo tempo hierarquias sociais foram enfatizadas. A elite de Amarna viu seu poder aumentado pela relação de proximidade com o faraó, expressada na paisagem, em suas tumbas, casas e nos espaços rituais, reforçando seu poder perante os demais.

Discordando das interpretações gerais de que Amarna foi fruto de um longo processo histórico de tentativa de controle de tudo e todos por parte do faraó, consideramos que esse período produziu uma nova elite individualizada com a possibilidade de se consolidar, após o período de Amarna, de forma mais independente do faraó do que nunca antes. A continuidade da ocupação da necrópole tebana, porém, destaca as tensões sociais entre a elite e a monarquia, manifestadas em inovações que se sobrepuseram a extratos anteriores. Outras diferenças de expressão dos projetos expressados em Amarna e Tebas são:

1. Amarna se localiza na margem oriental, enquanto a necrópole tebana está na margem ocidental, de acordo com a ideologia dominante. Tebas, enquanto espaço ritual, é anterior a Amarna, e após o reinado de Akhenaton, sua renovação esteve condicionada por essa situação.

2. Em Amarna, o espaço habitacional não estava separado do cemitério. Em Tebas sim, e as relações entre a elite e o faraó compreendiam ambas as margens do

Nilo. Nesse contexto, a disposição de vias processionais comunicavam centros de poder (templos localizados em ambas as margens e tumbas de nobres).

3. As tumbas reais e do norte em Amarna mostram uma relação espacial similar a Tebas com o Vale dos Reis, e as tumbas dos nobres de Deir el-Bahari. Por outro lado, de maneira semelhante, a maior concentração de construções (mesmo que com funcionalidades diferentes) se encontra junto à planície de inundação do rio, descrevendo um padrão distribucional linear (como os templos de milhões de anos de Tebas) que se explica pela circulação e prática ritual que vincula os templos da margem ocidental à margem oriental (MANZI y PEREYRA, 2010).

Duas questões permanecem abertas. A primeira delas tem a ver com a localização dos palácios de Amarna em comparação à Tebas. O caso do palácio de Malqata, por exemplo, em relação aos de Amarna, é diferente. O primeiro estava localizado por trás da linha ocupada pelos templos na paisagem tebana. Em Amarna, pelo contrário, estes localizavam-se em frente ao Nilo. No caso tebano, essa localização poderia implicar um rebaixamento das funções políticas e sociais à custa das funções religiosas.

A última tem a ver com o fato de que, em Tebas, o privado, no sentido de população produtora (ou não nobre), não se encontrar em relação (espacial, pelo menos) à nobreza e realeza. Isso poderia indicar, no caso amarniano, uma possível secularização religiosa que não pode ser identificada em Tebas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARP, J. *Die Nekropole als Figuration: zur Methodik der sozialen Interpretation der Felsfassadengräber von Amarna*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2012.
- ASSMANN, J. *The mind of Egypt: history and meaning in the time of the pharaohs*. Princeton: Princeton University Press, 2003.
- ASSMANN, J. The Ramesside tomb and the construction of sacred space. In: STRUDWICK, N. and TAYLOR, J. (eds.). *The Theban Necropolis: past, present and future*. London: British Museum, 2004, p. 46-52.
- BELL, C. *Ritual theory, ritual practice*. Oxford: Oxford University Press, 1992.

- BRANCAGLION, A. ***O banquete funerário no Egito antigo – Tebas e Saqqara: tumbas privadas do Novo Império***. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 1999.
- BRANCAGLION, A. ***Manual de arte e arqueologia egípcia II***. Rio de Janeiro: Sociedade de Amigos do Museu Nacional, 2004.
- CARDOSO, C. F. Uma reflexão sobre a importância da transcendência e dos mitos para as religiões a partir do episódio da Reforma de Amarna, no Egito antigo, ***PLURA – Revista de Estudos de Religião***, 2, 1, p. 3-24, 2011.
- CHAPOT, G. ***A família real amarniana e a construção de uma nova visão de mundo durante o reinado de Akhenaton***. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense, 2015.
- D'AURIA, S. Preparing for eternity. In: FREED R., S. D'Auria and Y. Markowitz (orgs.). ***Pharaohs of the Sun: Akhenaten, Nefertiti, Tutankhamen***. London: Thames and Hudson, 1999, p. 162-175.
- DAVIES, N. de G. ***The rock tombs of el-Amarna I: the tomb of Meryra***. London: Egypt Exploration Fund, 1903.
- DAVIES, N. de G. ***The rock tombs of el-Amarna III: the tombs of Huya and Ahmes***. London: Egypt Exploration Society, 1905.
- DAVIES, N. de G. ***The tomb of Neferhotep at Thebes***. 2 vols. New York: Metropolitan Museum, 1933.
- GABOLDE, L. Autour de la tombe 276: pourquoi va-t-on se faire enterrer à Gournet Mouraï au debut du Nouvelle Empire?. In: ASSMANN, J.; DZIOBEK, E.; GUKSCH, H. & KAMPP, F. (eds.), ***Thebanischen Beamtennekropolen: Neue Perspektiven archäologischer Forschung***. SAGA X11. Heidelberg: Heidelberg Orientverlag: 1995, p. 155-165.
- GARDINER, A. & WEIGALL, A. ***A topographical catalogue of the private tombs of Thebes***. London: Bernard Quaritch, 1913.
- GRAJETZKI, W. ***Burial customs in ancient Egypt: life in death for rich and poor***. London: Duckworth, 2003

HACKWITZ, K. von & LINDHOLM, K.-J. Landscapes of mortuary practices. In: HACKWITZ, K. von & PEYROTEO-STJERNA, R. (eds.). ***Ancient death ways: proceedings of the workshop on archaeology and mortuary practices Uppsala, 16–17 May 2013***. Uppsala: Uppsala Universitet, 2015, p. 143-166.

HESSE, M. ***Die Privatgräber von Amarna: Zum Wandel des Grab Gedankens in Zeiten eines Religiösen Umbruchs***. Oxford: Archaeopress, 2013.

HODDER, I. and HUTSON, S. ***Reading the past: current approaches to interpretation in archaeology***. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

HORNUNG, E. ***Akhenaten and the religion of light***. Ithaca: Cornell University Press, 1999.

IKRAM, S. Domestic shrines and the cult of the royal family at el-‘Amarna. ***Journal of Egyptian Archaeology***, 75, 1989, p. 89-101.

KAMPP F. ***Die Thebanische Nekropole zum wandel des Grabgedankens von der XVIII. bis zur XX. Dynastie***. 2 vols. Theben 13. Mainz am Rhein: Philipp von Zabern, 1996.

KAMRIM, J. ***The cosmos of Khnumhotep II at Beni Hassan***. London: Kegan Paul International, 1999.

KEMP, B. J. ***Ancient Egypt: anatomy of a civilisation***. London: Routledge, 2006.

KEMP, B. J. ***The city of Akhenaten and Neferititi: Amarna and its people***. Cairo: American University in Cairo Press, 2012.

LEMOS, R. S. A paisagem de Amarna e sua diversidade, in LEMOS, R. S. (org.). ***O Egito antigo – novas contribuições brasileiras***. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014, p. 158-216.

LEMOS, R. S. ***Os costumes funerários da não-elite no Egito e na Núbia durante o Reino Novo: os cemitérios de Fadrus, Tell el-Amarna e Medinet el-Ghurab***. Dissertação de Mestrado. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

MANNICHE, L. ***Lost tombs. O study of certain eighteenth dynasty monuments in the Theban necrópolis***. London: Kegan Paul International, 1998.

MANZI, L. La jerarquización del espacio a través de la distribución de tumbas privadas en Tebas Occidental, Egipto. ***Novos Trabalhos de Egiptologia Ibérica***, 1, 2012, p. 637-655.

MANZI, L. Y PEREYRA, M. V. La muerte en el más allá y su negación en el aquí y ahora a través de la construcción de paisajes culturales. **Anais do IV Congresso Latino Americano de Ciências Sociais e Humanidades: Imagens da Morte**, Niterói.

MOLINEAUX, B. L. Representation and reality in private tombs of the Late Eighteenth Dynasty, Egypt. In: MOLYNEAUX B. L. (ed.). **The cultural life of images: visual representation in Archaeology**. London: Routledge, 1997, p. 108-129.

MONTERRAT, D. **Akhenaten: history, fantasy and ancient Egypt**. London: Routledge, 2000.

O'CONNOR, D. City and palace in New Kingdom Egypt. **Cahier de Recherches de l'Institut de Papirologie et d'Égyptologie de Lille**, 1989, p. 73-87.

On-line Geographical Information System for the Theban Necropolis (OLGIS-TN). 2009-2010. University of Charleston, Santa Cruz, & Serapis Research Institute, Chicago. <http://spinner.cofc.edu/olgis/olgissearch.html>.

PEREYRA, M. V. **La secularización del poder durante el Imperio Nuevo egipcio. La epifanía real en la ventana de aparición**, Buenos Aires, Universidad de Buenos Aires, 2005 (Tesis inédita).

PEREYRA, M. V. El gran templo de Amón en la tumba de neferhotep (TT49), **Revista del Instituto de Historia Antigua Oriental**, 17, 2010, p. 17-26.

PEREYRA, M. V. & MANZI, L. M. **Espacios de interpretación en la necrópolis tebana**. Buenos Aires: Godot, 2015.

PORTER, B. & MOSS, R. **Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs, and Paintings. I. The Theban Necropolis, Part 1. Private Tombs**. Oxford: Oxford University Press, 1970 [1960].

PORTER, B. & MOSS, R. **Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs, and Paintings. II. Theban Temples**. Oxford: Oxford University Press, 1972.

PYKE, G. A Christian Conversion: The Tomb of Panehsy at Amarna. **Egyptian Archaeology**, 32, 2008, p. 8–10.

SALEH, M. ***Three Old Kingdom Tombs at Thebes***. Archaeologische Veröffentlichungen 14. Mainz and Rheim: Philipp von Zabern, 1977.

SILVERMAN, D. P., WEGNER, J. and WEGNER, J. H. ***Akhenaten and Tutankhamun: revolution and restoration***. Philadelphia: University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology, 2006.

SPENCE, K. Settlement structure and social interaction at el-Amarna. In BIETAK, M., CZERNY, E. And FOSTNER-MÜLLER, I. (eds.). ***Cities and urbanisms in ancient Egypt: Papers from a Workshop in November 2006 at the Austrian Academy of Sciences***. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2010, p. 289-298.

SPIESER, C. ***Offrandes et purification dans l'époque amarnienne***. Turnholt: Brepols, 2010.

SPIESER, C. et SPRUMONT, P. La construction de l'image du corps de l'élite égyptienne à l'époque amarnienne. ***Bulletins et mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris***, 16 (3-4), 2004, p. 167-185.

STEVENS, A. The archaeology of Amarna. ***Oxford Handbooks Online***, 2015, p. 1-15.

STRUDWICK, N. & STRUDWICK, H. ***A Guide to the Tombs and Temples of Ancient Luxor***. London: British Museum, 1999.

TIETZE, C. Amarna – the city and surrounding area, In: F. Seyfried (ed.). ***In the light of Amarna: 100 years of the Nefertiti discovery***. Berlin: Imhof Verlag, 2013, p. 57-70.

WILLEMS, H., and DEMARÉE, R. A Visitor's Graffito in Dayr Abū Hinnis. Remarks on the Source of Limestone Used in the Construction of al-Amarna. ***Revue d'Égyptologie***, 60, 2009, p. 222–226.

ZIVIE, A. ***La tombe de Maïa: mère nourricière du roi Toutânkhamon et grande du harem***. Toulouse: Caracara Éditions, 2009.

ZIVIE, A. ***La tombe de Thoutmes: directeur des peintres dans la place de Maât***. Toulouse: Caracara Éditions, 2013.